

***Cadeia Solidária
das Frutas Nativas***
do Rio Grande do Sul

2017



1. APRESENTAÇÃO

A Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas busca implementar um outro formato de produção, processamento e distribuição de alimentos, dentro de uma lógica de estímulo à conservação da biodiversidade local, bem como, uma dinâmica onde os trabalhadores sejam os protagonistas das diferentes fases deste “sistema”, se relacionando de forma integrada numa perspectiva de complementaridade entre uma fase e outra.

Portanto, o que se busca com este trabalho é promover a estruturação de uma cadeia produtiva das frutas nativas, articulada e dinamizada entre diferentes atores, estejam estes nos universos rural ou urbano, e criar alternativas que conciliem uso e conservação dos recursos naturais. Deste modo, se pode gerar um efeito positivo na perspectiva de alavancar:

- (a) um processo de valorização e uso das espécies vegetais nativas, historicamente negligenciadas e/ou subutilizadas – PNS, permitindo assim a conservação das mesmas, estejam estas em seus ambientes naturais ou cultivadas em Sistemas Agroflorestais;
- (b) a conservação dos fragmentos florestais nas propriedades e seus recursos genéticos;
- (c) a formação de SAF's biodiversos em áreas que de outra maneira seriam destinadas à pecuária e/ou monocultivos anuais ou perenes. Ao serem incorporados na paisagem, estes fragmentos protegidos, SAF's e Quintais Agroflorestais podem atuar como “stepping stones”, ou ilhas de regeneração da diversidade e funcionalidade das espécies nativas, conectando assim remanescentes maiores do ecossistema original ainda existentes (Morrison, 2002, p. 166);
- (d) iniciativas para que agricultores familiares e camponeses possam reconstituir suas áreas de reserva legal e APP's, a fim de atender a legislação ambiental;
- (e) aumento da diversidade alimentar a partir do uso dos produtos da sociobiodiversidade promovendo desta forma um maior nível de soberania e segurança alimentar e nutricional tanto das famílias agricultoras bem como dos moradores urbanos;
- (f) diversificação das alternativas de geração de emprego e renda.



“A utilização da Biodiversidade Nativa em nossa dieta alimentar é uma demonstração de valorização e manutenção da cultura local em sintonia ao sentimento de Cuidado com a vida”. (Alvir Longhi)

Contudo, as frutas nativas do sul do Brasil e principalmente da mata de araucária, ainda são pouco conhecidas e valorizadas pelas famílias agricultoras, bem como, pelas famílias urbanas, ocasionando uma subtilização das mesmas, tornando-as ausentes da dieta alimentar destas pessoas.

Pouco se sabe sobre as diferentes formas como estas podem ser aproveitadas, para tanto, é necessário desenvolver ações junto a agricultores e consumidores na perspectiva de valorização das espécies nativas.

Com isso, buscam-se construir possibilidades concretas de resgate e manutenção da biodiversidade, associadas à perspectiva de melhoria da qualidade alimentar através do aumento da diversidade de alimentos, além de ampliar as oportunidades de geração de emprego e renda para as comunidades rurais e urbanas.

2. HISTÓRICO

A proposta de estruturação da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas teve seu início ao final do ano de 2011, a partir de um processo de articulação, em nível de estado, de organizações ligadas à Agroecologia e à Economia Solidária que atuam em torno do uso e valorização de frutas nativas do Rio Grande do Sul. Esta iniciativa foi motivada por três atores:

- O Centro de Tecnologias Alternativas e Populares – CETAP (ONG de assessoria à agricultura ecológica integrante da Rede ECOVIDA de Agroecologia),



Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas / RS

- A Secretaria da Economia Solidária e Apoio a Micro e Pequena Empresa (SESAMPE)¹ e
- O Encontro de Sabores (empreendimento dedicado ao processamento e comercialização de produtos à base de frutas nativas desde 2007, com sede em Passo Fundo/RS).

Os atores vinculados ao movimento agroecológico, CETAP e Encontro de Sabores, vinham, desde o início do ano de 2000, mobilizando famílias e organizações em torno do tema do uso e valorização de frutas nativas, na perspectiva de integrar ações entre campo e cidade, especialmente nas regiões Norte, Nordeste, Planalto e Campos de Cima da Serra, e participando de feiras e eventos da Economia Solidária (SILVA, 2014²; COOPCONSULTE, FEA/COLACOT, CETAP, 2013³).

Este processo em curso convergiu com o debate de uma política de incentivo a seis cadeias produtivas⁴, promovido a partir do Governo do Estado, através da Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa – SESAMPE, buscando dar visibilidade e protagonismo às organizações da Economia Solidária, priorizando o potencial de desenvolvimento socioeconômico dos diversos setores da economia solidária.

Assim a concepção de trabalho enquanto cadeia solidária se originou em 2011, motivado pela SESAMPE, a qual buscou articular atores que já vinham trabalhando com este tema, e a partir disto, reconhecer formalmente a Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas.

Dessa forma iniciou-se o diálogo ampliando a articulação em várias regiões do estado, especialmente na região metropolitana de Porto Alegre, envolvendo grupos e iniciativas de economia solidária, e na região do Litoral Norte do RS abarcando organizações do campo agroecológico.

Neste momento faziam parte as seguintes regiões do estado do Rio Grande do Sul:

¹ Secretaria de estado criada na gestão 2011 – 2014, do então governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro, do Partido dos Trabalhadores (PT), e destituída no início da gestão do governador José Ivo Sartori, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

² SILVA, Ana Lúcia Oliveira. Agentes contemporâneos: uma análise a partir da participação de consumidores de Passo Fundo na Cadeia Produtiva das Frutas Nativas do Rio Grande do Sul. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

³ COOPCONSULTE, FEA-COLACOT, CETAP. **Estudo técnico e projeções estratégicas da cadeia produtiva solidária das frutas nativas do Rio Grande do Sul**. DIFESOL/SESAMPE: Porto Alegre, 2013.

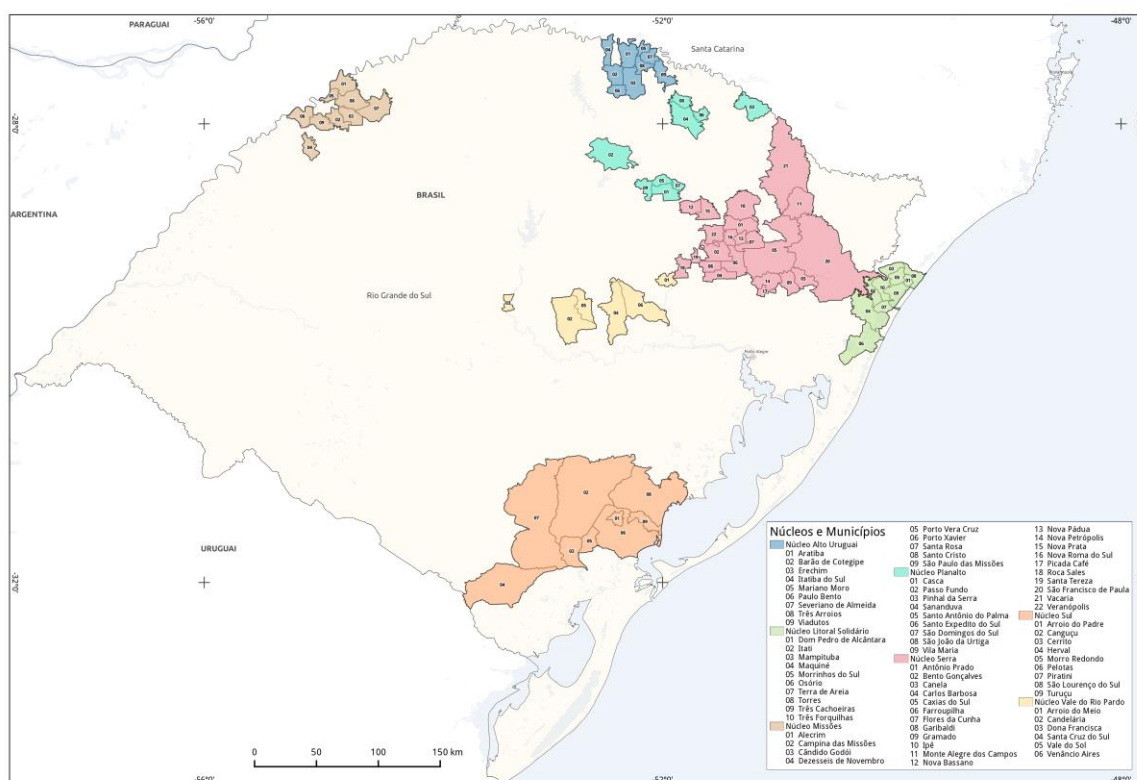
⁴ As cadeias priorizadas foram das frutas nativas, do osso, das pedras preciosas, do PET, da lã e do peixe (COOPCONSULTE, FEA/COLACOT, CETAP, 2013).



Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas / RS

- » **Norte:** municípios de Passo Fundo, Coxilha, Erechim, Três Arroios, Aratiba, Itatiba do Sul, Barra do Rio Azul e Sananduva;
- » **Nordeste:** municípios de Pinhal da Serra, Vacaria, Monte Alegre dos Campos, Bom Jesus,, São Francisco de Paula e Campestre da Serra;
- » **Litoral Norte:** municípios de Itati , Maquiné, Osório, Terra de Areia, Torres, Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul, Mampituba, Dom Pedro de Alcântara e Três Forquilhas;
- » **Porto Alegre e Região Metropolitana:** municípios de São Leopoldo, Canoas, Viamão e Novo Hamburgo.

Figura 01: Mapa com as regiões articuladas pela cadeia solidária das frutas nativas atualmente



3. O QUE É A CADEIA SOLIDÁRIA DAS FRUTAS NATIVAS DO RS E COMO FUNCIONA



Cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas, ao longo das quais os diversos insumos sofrem algum tipo de transformação, até a constituição de um produto final (bem ou serviço) e sua colocação no mercado.

A Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas é uma dinâmica organizativa onde se articulam e participam diversas organizações, redes, empresas, atores e articulações do campo agroecológico e da economia solidária que partilham de um conjunto de princípios e constroem em forma coletiva um conjunto de acordos operacionais.

Nessa concepção, nem todas as organizações, empresas, cooperativas, agroindústrias ou espaços de produção, processamento, logística e consumo de frutas nativas são parte da Cadeia Produtiva Solidária, sendo restrito ao conjunto de “atores” que compartilhem e respeitam princípios e acordos construídos coletivamente.

3.2 Etapas da Cadeia

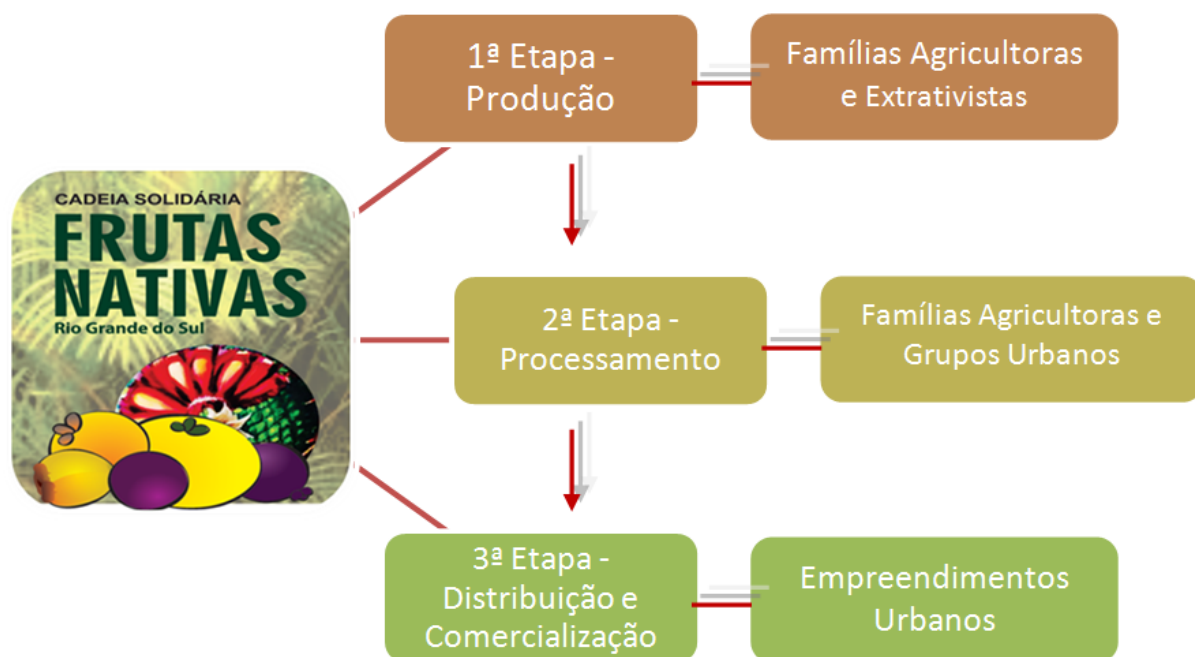
Várias etapas caracterizam uma Cadeia Produtiva, desde a produção, o processamento, distribuição, comercialização para chegar ao consumo, termômetro de viabilidade e sustentabilidade de todo o processo.

- A etapa da produção está assentada em dois tipos de manejo: sistemas agroflorestais e extrativismo, tanto em áreas de roça, como também de matas, poteiros e quintais. Nesta etapa as famílias além de coletarem as frutas, também realizam o processo de lavagem, desinfecção e congelamento das frutas para que as mesmas sejam entregues em condições para as unidades de processamento.
- A etapa do processamento é realizada principalmente por associações e cooperativas de agricultores que transformam a fruta em polpa, e por empreendimentos urbanos que transformam a polpa em produtos mais elaborados, como pães, bolos, sucos, sorvetes e geleias.



Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas / RS

- A etapa da distribuição e comercialização, apontada pelos atores entrevistados por Silva (2014) como a mais vulnerável de todas, foi o principal foco dos debates ocorridos nos encontros da cadeia no período de 2012 a 2014.



3.3 Quem faz parte e quem pode fazer parte?

Fazem parte da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas do Rio Grande do Sul, como atores estruturantes desta proposta:

1. grupos de produção (agricultores),
2. grupos de processamento (agricultores e empreendimentos urbanos),
3. empreendimentos de comercialização
4. Entidades de assessoria e acompanhamento técnico (ONG's) e Universidades, no apoio a pesquisa, sistematização e extensão.

Critérios para participação na Cadeia Solidária das Frutas Nativas

Os critérios de participação são basicamente:

- o respeito aos acordos construídos coletivamente e a necessária atuação em algum dos elos da cadeia produtiva: produção, processamento, distribuição, comercialização e assessoria;



- Só poderá ser um novo membro uma vez que a atividade por ele executada seja complementar as que já vem sendo desenvolvidas por algum dos atuais membros, ou atividade nova que se julgue importante para a cadeia como um todo. Este aspecto é fundamental ser respeitado para evitarmos a competição e zelarmos sempre pela complementariedade e cooperação entre os atores.
- Seguir os princípios agroecológicos de produção e processamento dos produtos.
- Os empreendimentos e grupos devem ser gestados orientados pelos princípios da economia solidária e agroecologia.
- Todo grupo, empreendimento, entidade só é considerado membro da cadeia solidária, após ser indicado por algum dos membros e tendo sua entrada aprovada nos encontros estaduais.

3.4 Política de preços

Desde 2011 uma das preocupações centrais da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas foi a de que esse processo de geração de renda e gestão da economia seja aberto, transparente e baseado em valores/preços que sejam justos a todos os membros da cadeia solidária.

No que se refere ao processo de gestão econômica devem prevalecer os princípios da economia solidária.

Este trabalho vem sendo um desafio permanente que exige ajustes e adequações que variam segundo o contexto específico em que se encontram os empreendimentos que integram a cadeia produtiva solidária.

A política de preços da cadeia produtiva solidária é seguir um mesmo percentual de resultado/lucro nas diferentes etapas para os diferentes “atores” envolvidos e evitar a prática de diferentes preços nas diferentes etapas.

A ideia é conseguir operar com um sistema de “planilha aberta” na formação dos custos/preços, considerando a construção coletiva do “preço justo” para cada etapa do processo.

3.5 Coordenação



A Cadeia solidária tem um grupo de coordenação/animação, o qual é renovado a cada encontro anual, buscando ter na coordenação representantes de todas as regiões e segmentos que compõe a cadeia.

3.6 Encontros e Plenárias Estaduais

Entre 2012 e 2018, foram realizados sete encontros estaduais da Cadeia Solidária das Frutas Nativas, um a cada ano.

Nesses encontros e reuniões, consumidores, produtores e processadores debatem coletivamente temas como volume de produção e de vendas, locais e custos de armazenamento, mercados acessados e a acessar, formação de preço tendo em vista os custos e a remuneração justa em cada elo/etapa da cadeia e estratégias para circular os diferentes produtos de cada região do estado.

No que tange à comercialização, a dinâmica da Cadeia Solidária tem estimulado o consumo feito e promovido pelos seus próprios “atores” integrantes das diversas etapas da dinâmica organizativa.

O encontro de 2015 teve como um de seus encaminhamentos a demanda de mapeamento da cadeia produtiva em cada região, de modo a identificar atores envolvidos, potencial de produção de frutas em diversidade e volumes e os principais produtos a serem desenvolvidos.

O encontro de 2017 procurou debater, entre os integrantes, conceitos definidores sobre o que é a cadeia e critérios de participação, além de planejar ações necessárias para seu fortalecimento.

Os principais desafios apontados destacam:

- a necessidade de avançar na consolidação junto aos grupos de um ‘Manual de Boas Práticas de Fabricação’ para as unidades de processamento.
- Avançar na formalização das unidades de processamento, a partir de uma normatização junto aos órgãos competentes que reconheçam o processamento artesanal, de modo que os atores dedicados à comercialização possam ampliar seus canais de venda e consumo.



- Melhorar a infraestrutura dos grupos de agricultores a fim de facilitar o processo de colheita, lavagem e congelamento das frutas que posteriormente serão processadas.
- Avançar no desenvolvimento de práticas e técnicas de manejo de espécies nativas em sistemas agroflorestais.

4. ATUAL ESTRUTURA DE PROCESSAMENTO E DE DISTRIBUIÇÃO DA CSFN:

Somados, os produtos trabalhados chegam ao número de 43, todos produzidos a partir das frutas nativas; dentre eles se destacam: polpa congelada (o carro-chefe), picolés, sucos, sorvetes, pudins, mousses, tortas e pães.

Além de potencializar as frutas nativas, as unidades produtivas têm proporcionado o aproveitamento e agregação de valor na produção de polpas de outras frutas disponíveis nas diferentes regiões tais como amora, cítricos, manga, maracujá e morango.

O volume produzido/processado e comercializado chega a 20 toneladas de produto pronto para o consumo, incluindo polpas e produtos derivados, gerando um volume financeiro comercializado que chega à casa dos 170 mil reais, beneficiando a um expressivo número de famílias de agricultores envolvidos e unidades de processamento (agroindústrias).

De maneira geral, a comercialização vem acontecendo no âmbito da rede de comercialização, entre os atores parceiros da cadeia solidária das frutas nativas, num total de 40 diferentes espaços de comercialização, além da destinação de produção de picolés de frutas nativas, sucos para eventos e coquetéis, padarias, restaurantes e feiras que os grupos e empreendimentos participaram.

O quadro abaixo resume o alcance atual da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas no RS:

Unidades de Processamento	13 unidades de processamento
Famílias envolvidas na gestão das Unidades de Processamento	35 famílias
Famílias fornecedoras de matéria prima (Frutas nativas)	146 famílias
Espaços de comercialização	40 pontos de venda
Volume de produtos processados	40 toneladas
Valor comercializado	Aproximadamente 450.000,00 reais



5. PERSPECTIVAS DA CSFN

Considerando esse quadro, as perspectivas de desenvolvimento e consolidação da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas descansam sobre os seguintes desafios:

- A continuidade do trabalho de fomento, assessoria e pesquisa.
- Ampliar o número de famílias implantado e manejando sistemas agroflorestais e áreas de extrativismo sustentável.
- A estruturação das unidades de pré-processamento (lavagem e congelamento das frutas), das unidades de processamento e dos centros de distribuição.
- A ampliação da participação de consumidores
- Educação para o consumo.
- A dinamização e a consolidação da cadeia solidária nas diferentes regiões do estado.
- A promoção dos cultivos em SAF's e o fomento das práticas de extrativismo sustentável.